

**Como se joga a luz e a sombra, o silêncio e o vazio
numa tradução portuguesa do conto
«The Sisters» de James Joyce**

Vivina ALMEIDA CARREIRA DE CAMPOS FIGUEIREDO
Escola Superior Agrária de Coimbra

Como citar este artículo:

ALMEIDA CARREIRA DE CAMPOS FIGUEIREDO, Vivina (2005) «Como se joga a luz e a sombra, o silêncio e o vazio numa tradução portuguesa do conto “The Sisters” de James Joyce», en ROMANA GARCÍA, María Luisa [ed.] *II AIETI. Actas del II Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. Madrid, 9-11 de febrero de 2005*. Madrid: AIETI, pp. 899-911. ISBN 84-8468-151-3. Versión electrónica disponible en la web de la AIETI:
<http://www.aieti.eu/pubs/actas/II/AIETI_2_VACCF_Joga.pdf>.

COMO SE JOGA A LUZ E A SOMBRA, O SILÊNCIO E O VAZIO NUMA TRADUÇÃO PORTUGUESA DO CONTO “THE SISTERS” DE JAMES JOYCE

Vivina Almeida Carreira de Campos Figueiredo
Escola Superior Agrária de Coimbra

Resumo

Com este breve estudo pretende-se indagar por que razões o conto “The Sisters”, sendo o conto de abertura de *Dubliners*, é tão importante, pela sua localização estratégica e pelos temas que aborda, para a significação global da obra. Em letra portuguesa, a primeira aparição de *Dubliners* não contempla cinco dos quinze contos, incluindo este. As consequências desse facto para a significação global da obra serão brevemente aludidas. A seguir far-se-á uma análise de uma das traduções portuguesas do conto, atentando especialmente no modo como é feito em Português o jogo de luminosidade e escuridão bem como o tratamento das expressões do silêncio e do vazio simultaneamente ontológico e linguístico.

Introdução

Dubliners é a primeira grande obra de James Joyce – publicada, depois de muitas tentativas frustradas, em 1914. É constituída por quinze contos, cuja disposição sequencial obedece a um esquema pré-definido pelo seu autor, pelo que a ordem por que aparecem não é de todo indiferente para a significação global do macrotexto. Este macrotexto organiza-se numa estrutura orgânica e circular para o que é essencial a localização estratégica de alguns contos como, por exemplo, o primeiro e o último. Estas histórias passam-se no pano de fundo da cidade labiríntica de Dublin, no virar do século. “The Sisters” é o seu conto de abertura que propicia uma antevisão do resto da obra, porque concentra os temas e os sentidos da obra inteira. A paralisia é aqui apresentada não apenas no seu sentido figurado mas em sentido literal, na figura do velho padre paralítico. O mesmo acontece com a morte, outro tema recorrente, a incapacidade linguística, o silêncio, o vazio, etc. E, fundamentalmente, para a questão que se pretende aprofundar, este conto instaura o tom da obra e da cidade e os seus

matizes e variações, adquirindo a luz e a escuridão, o silêncio e o vazio propriedades metafóricas com funções relevantes no desenrolar das outras narrativas e sobretudo como fio condutor temático.

Breve história de *Dubliners* em letra portuguesa

Dubliners ficou concluído em 1907, mas pela temática que aborda, pelas personagens que cria e pelos cenários em que estas se movem – ruas escuras e desoladas, quartos fechados e sombrios, habitados por trabalhadores da baixa classe média e do povo pobre, histórias de hipocrisia religiosa, corrupção política, abuso sexual, violência doméstica, homossexualidade, etc. – esta obra teve de defrontar-se com uma censura explícita e dura, demorou a ser publicada, o que só aconteceu em 1914.

No que respeita à sua tradução em Portugal, a censura não foi tão óbvia, tendo-se mascarado de auto-censura. Ora, vejamos como.

A primeira aparição de *Dubliners* em Português europeu data de 1946 (trinta e dois anos após a publicação do texto original, mas apenas cinco anos após a morte do autor). Trata-se de uma antologia intitulada *Os Melhores Contos de James Joyce*, com selecção e tradução de Maria da Paz Ferreira e prefácio de João Gaspar Simões¹. A editora – Editorial Hélio – assume que se trata de uma antologia: pelo título, pela colecção em que aparece, denominada “Antologia” e por uma breve nota no verso da página do índice, em que se lê o seguinte: «Os contos da presente antologia foram extraídos do volume “Dubliners”». Surpreendente á a afirmação que aí se encontra também: «Todos os seus volumes são escrupulosamente seleccionados e traduzidos sem mutilações.» A surpresa desta declaração vai sendo desvelada à medida que se lêem os contos, onde aqui e ali vai faltando uma palavra, uma frase, um período inteiro.

Como já tive oportunidade de dizer: «A exclusão é uma marca da natureza das antologias; elas são construídas a partir de partes e, por isso, o seu carácter fragmentário não

¹ João Gaspar Simões (1903-1987) foi escritor, crítico literário, jornalista e bibliotecário na Biblioteca da Imprensa Nacional. Com José Régio e Branquinho da Fonseca, participou, em 1927, na fundação da *Presença*. Fez crítica literária em vários jornais e foi autor de várias obras literárias. Foi um dos responsáveis pelas primeiras edições da obra de Fernando Pessoa e tem uma vastíssima produção de crítica literária sobre Pessoa e Eça de Queirós.

nos deve causar estranheza. O que já podemos questionar é a legitimidade de se fazer uma edição antológica de uma obra que se apresenta como um todo.» (Figueiredo, 2004).

Para além desta exclusão, também a organização sequencial dos contos é arbitrária, o que certamente implica consequências ao nível da significação global da obra.

Sobre isto nada diz o prefaciador, João Gaspar Simões, nas vinte páginas que antecedem os contos. Contudo, pelos temas contidos nos contos excluídos – “The Sisters”, “An Encounter”, “Two Gallants”, “Ivy Day in the Committee Room” e “A Mother” – parece óbvio que terão pesado razões de auto-censura: no momento histórico-político, e também sócio-económico de então era melhor deixar de lado temas como a pobreza, a sexualidade, a religião, a política, etc.

Além do mais, trata-se ainda de uma tradução bastante mutilada, contrariando a declaração – «Todos os seus volumes são escrupulosamente seleccionados e traduzidos sem mutilações».

A primeira tradução integral de *Dubliners* em Português europeu data de 1963 (trata-se da data do Depósito Legal, quase meio século após a publicação do original) e foi executada por Virgínia Motta e publicada pela editora Livros do Brasil, na Coleção “Dois Mundos”, sob o título de *Gente de Dublin*. Não a acompanha nenhum prefácio e a tradução mantém os quinze contos que constituem o macrotexto original e mantém também a ordem original por que aparecem. As frequentes reedições desta tradução são indicadoras de ser esta a tradução canónica.

Em 1985, aparece, pela editora Vega, na Coleção “Contemporâneos de Sempre”, uma outra tradução, sob o título de *Gente de Dublin*, subscrita por B. de Carvalho. A capa² desta obra causa alguma estranheza porque apresenta uma plástica que remete claramente para as capas dos romances que conhecemos sob a designação de “literatura cor-de-rosa”. Em pequeno formato, conta apenas 160 páginas: cinco dos quinze contos desapareceram bem como muitas frases. Tudo isto acontece sem nenhuma espécie de aviso ou explicação ou notícia de se tratar de uma edição abreviada. Mas logo se percebe que estes textos são precisamente os mesmos da Antologia organizada por Maria da Paz Ferreira e prefaciada por

² Sobre os paratextos e as suas funções, cf. o nosso estudo “Joyce em Letra Portuguesa. Os Paratextos e as suas Funções” apresentado ao III Congresso Internacional de Tradutores, em Fortaleza, 2004. Também se encontra publicado na revista virtual *O Língua* (<<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/olingu/05/index.html>>).

João Gaspar Simões em 1946, apresentando um tradutor fictício que terá talvez actualizado a ortografia.

Em 1994, a Editores Reunidos Lda. e a RBA Editores SA voltam a editar esta obra, mantendo o *copyright* da editora Vega e ela é distribuída com o jornal *Público* na série “Clássicos do *Público*”, tendo chegado a um público leitor vasto uma obra mutilada e tipograficamente pouco recomendável.

Em 1994, as Publicações Europa-América apresentam outra tradução da obra completa, executada por Isabel Veríssimo, editada na Colecção “Grandes Clássicos do Século XX” destinada a grande circulação.

Comparar para quê?

Pensar em tradução implica pensar na transferência de um texto (seja qual for a sua natureza) originalmente escrito numa determinada língua para outra língua, sem perda da sua capacidade comunicativa, sendo esse processo agenciado por um tradutor, o mediador entre as duas línguas, que está sujeito às circunstâncias sócio-históricas e culturais em que se inscreve. No caso da tradução literária não bastará manter a capacidade comunicativa, mas todas as estruturas em que todos os constituintes têm uma função estético-literária.

Subscrevemos a teoria de Toury segundo a qual o conceito de **equivalência** é **definidor** da própria possibilidade da tradução. Ou seja, partimos do pressuposto de que existem qualidades ou características equivalentes entre o pólo origem e o pólo meta, não fazendo, pois, sentido afirmar que um texto traduzido não é equivalente ao seu texto original.³

Assim, nos exercícios de comparação entre TO e TT revela-se mais produtivo falar em “zonas de inequivalência”: «[...] any deviation from that which is established as translation equivalence according to a certain set of norms [...]» (*Apud* Rabadán, 1991: 77; cf. também Toury 1995)

Estamos cientes de que o conceito de equivalência tem sido abordado a partir de diversas perspectivas, mas parece pacífico afirmar que hoje em dia o que é corrente e

³ Mais do que isso, Stecconi considera a equivalência como **diferenciadora** da tradução: «Equivalence is crucial to translation because it is the unique intertextual relation that only translations, among all conceivable text types, are expected to show.» (*Apud* Kenny, 1998: 80).

produtivo nos estudos de tradução é uma noção de equivalência que opera ao nível dos textos concretos e não ao nível dos sistemas linguísticos em abstracto.

O conceito de equivalência serve mesmo de linha de demarcação entre as duas principais escolas de pensamento nos estudos de tradução. (Havelson, 1997: 212) Uma, seguida por estudiosos que postulam uma abordagem de sustentação linguística, em que se crê que existem características formais e funcionais equivalentes *a priori* entre TO e TT. Trata-se de um conceito normativo que visa julgar correctas ou incorrectas as traduções com base no cumprimento ou incumprimento das condições estabelecidas *a priori* pelo investigador. Esta aceção do conceito de equivalência também não tem em conta o factor histórico que enquadra cada tradução.

A outra escola, representada por Holmes, Even-Zohar, Toury, Hermans, Lefevere, Lambert, Bassnett e outros, considera a equivalência como um conceito histórico, uma vez que «a traducción é un producto socio-cultural e, como tal, as normas que rexen a súa xestión están determinadas polo contexto no que se inscribe.» (Álvarez Luguís, 1998: 39) Trata-se, portanto, de uma formulação dinâmica e não restritiva de equivalência que é, nas palavras de Toury, “broad, flexible and changing” (*Apud* Rabadán, 1991:77).

Ao compararmos um TT com o seu TO apenas pretendemos verificar que grau de equivalência o TT actualiza, numa escala que Toury denomina adequação-aceitabilidade e que outros teorizadores têm designado, por exemplo, por “tradução domesticante-tradução estrangeirizante”, “tradução naturalizante-tradução exotizante”, “tradução orientada para a cultura meta ou tradução orientada para a cultura origem” (cf. Hermans, 1999: 162). Na verdade, esta dicotomia remonta à célebre enunciação de Schleiermacher: «Either the translator leaves the writer alone as much as possible and moves the reader towards the writer, or he leaves the reader alone as much as possible and moves the writer toward the reader.» (Schleiermacher, 1813)

É precisamente a posição que cada tradução real ocupa nesta escala que o investigador deve indagar, elegendo como objecto de estudo os factos reais da tradução: «[...] a study in translation activities which have already their products would start with the *observables*; first and foremost, the translated utterances themselves, along with their constituents.» (Toury, 1995: 36)

É, portanto, no texto traduzido que, segundo Toury, devemos centrar a observação, com vista a detectar os problemas que terão ocorrido no processo de tradução (sendo o texto

traduzido a única via de acesso a esse processo) e analisar as soluções adoptadas em cada fase da transferência do TO para o TT.

Na verdade, dada a impossibilidade cognitiva de tomar o texto como unidade de análise (tal como o tradutor o não tomou como unidade de tradução), «it will normally be target-text segments (rather than the text as one entity) which would be mapped onto segments of the source text.» (Toury, 1995: 37)

E noutro lugar, Toury corrobora:

[...] much as one would like to regard the text as an ultimate unit, the mapping of a translation onto its assumed source is impracticable unless both texts are broken down, often drastically. Nor is this necessity devoid of theoretical justification. After all no act of translation is conceivable without *serial* operations. (Toury, 1995: 87)

No entanto, o recurso ao texto como unidade é inevitável para se tentar perceber ou justificar certas opções do tradutor.

A análise comparativa dos textos traduzidos e do texto origem, o levantamento dos problemas detectados e das soluções adoptadas deve conduzir à identificação das “normas” de carácter sócio-histórico actualizadas pelo tradutor na transferência de um TO para um TT.

[...] it is norms that determine the (type and extent of) equivalence manifested by actual translations. The study of norms thus constitutes a vital step towards establishing just how the functional-relational postulate of equivalence [...] has been realized – whether in one translated text, in the work of a single translator or ‘school’ of translators, in a given historical period, or in any other justifiable selection. (Toury, 1995: 61)

A repetição deste tipo de exercício em vários textos visa produzir o maior número possível de dados sobre a prática da tradução. Exemplos desses dados podem ser: que modelo de tradução se exerceu em determinada época, que relação de equivalência transparece da comparação de determinados binómios textuais, que limitações sofreu determinada transferência, por ex., de carácter ideológico, através da censura, etc.. Posteriormente, a partir desses dados, a teoria da tradução tentará formular explicações gerais sobre comportamentos passados e prever os futuros, sempre numa perspectiva descritiva e explicativa.

Vejam, no caso presente, como pequenas diferenças na transferência de certos fragmentos do TO para o TT podem ter implicações maiores ao nível da leitura do TT.

O texto original

Para além do que atrás já ficou dito sobre este conto, penso que é importante reafirmar como ele funciona como “amostra” do que se segue no resto da obra, pelo incómodo que podia causar na época.

O narrador é um rapaz que fica extremamente impressionado com a morte de um padre, com quem tem uma relação de estima e uma amizade que nem sempre lhe parece boa. Os comentários e as insinuações dos tios e de um amigo da família vão-no fazer tomar consciência da mescla de sentimentos que ele experimenta. A ele e ao leitor, evidentemente. O primeiro parágrafo funciona como uma espécie de prólogo de todo o texto e logo aí o narrador faz a associação entre a palavra “paralisia” e o pecado com “poder mortal de destruição”. É que o padre morre após um longo período de paralisia, supostamente um tipo de paralisia resultante da sífilis, o que remete para um passado de pecado, vergonha e remorso levemente sugeridos no conto.

A partir daqui, a ambiguidade instala-se e fortalece-se através da instauração, explícita ou implícita, de várias antinomias:

- O passado obscuro do padre e a sua caracterização física e espacial com expressões que remetem para o sombrio, o escuro, o cinzento em contraposição com o presente luminoso, ensolarado do rapaz, aliviado com a morte do padre.
- A repulsa e a atracção que sente pelo padre, notavelmente expressa no sonho do rapaz («I felt myself receding into some pleasant and vicious region»). Na vaga lembrança do sonho, o que fica é a alusão ao exotismo da Pérsia, a cortinas de veludo, a lâmpadas baloiçantes. E lembre-se que se trata do sonho em que o padre lhe quer “confessar algo”.
- É o padre, supostamente a quem os outros se confessam, que quer confessar algo ao rapaz.
- O confessionário é um lugar escuro, e vazio, associado à loucura do padre, em vez de um lugar de paz.

- O cálice é vazio e inútil contrariamente a todos os habituais sentidos positivos deste objecto.

Zonas de inequivalência

Se a equivalência é uma propriedade que define e diferencia a tradução, não faz sentido afirmar que um TT não é equivalente ao seu TO. Foram, portanto, identificadas algumas zonas de inequivalência no TT referido, com especial atenção para dois aspectos fundamentais: o do jogo de luminosidade e escuridão e o da incapacidade linguística das personagens e o vazio ontológico que daí decorre.

É precisamente neste nível, do jogo de luz e escuridão, bem como ao nível da representação da incapacidade linguística patente nas personagens desta história, que incidirá a análise comparativa entre o texto original e o texto traduzido.

A análise comparativa

É possível assinalar no texto traduzido vários exemplos de não equivalência lexical que não prejudica – na verdade, às vezes, até beneficia – o sentido do texto original.

É o caso de, logo na primeira frase:

There was no hope for him this time: it was the third stroke.

Desta vez estava desenganado; era o terceiro ataque.

“Desenganado” tem em Português uma conotação de “atingido por doença fatal”, o que logo esclarece o leitor do TT; o que não acontece com o leitor do TO, em que “no hope” e “stroke” podem remeter para outros sentidos.

Outro exemplo é o que acontece com a caracterização do nariz de Mr Cotter:

...old red-nosed...

...um nariz da cor do tomate!

Se a tradutora tivesse optado por uma correspondência lexical – “nariz vermelho” – não surtiria o efeito insultuoso pretendido pelo narrador, porque na melhor das hipóteses remeteria para a ideia de “constipado” ou “frio”. A solução adoptada, “da cor do tomate”, remete quer para a cor quer para o tamanho, que parece ser o efeito pretendido no TO.

Há, porém, casos em que a inequivalência não tem um bom resultado. É o que se passa nos seguintes exemplos:

I noticed how clumsily her skirt was hooked at the back and how the heels of her cloth boots were trodden down all to one side.

Pus-me a observar a saia dela, que se prendera grotescamente nos saltos cambados das suas botas de fazenda.

“Pus-me a observar” implica um propósito deliberado, o que não é o caso; o narrador simplesmente “reparou”.... A inequivalência opera um desvio na atenção do leitor que deve orientar-se para a velha senhora e não para o rapaz. A saia de Nannie também “não se prendeu nos saltos”; ela estava “desajeitadamente” (e não “grosseiramente”) presa atrás, de um jeito muito característico de usar a saia pelas senhoras de um determinado estrato social, i. e., pelas senhoras que desenvolviam um trabalho doméstico, sendo essa a maneira de evitar que a saia atrapalhasse o serviço. A falha na percepção deste pormenor é importante porque retira uma parte que diz algo da caracterização da personagem.

No que respeita às imagens de luminosidade e escuridão, verificam-se entre o TO e o TT as seguintes divergências:

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
and night after night...	e todos os dias...
the heavy grey face of the paralytic.	o rosto melancólico e cor de cinza do paralítico.
into the little dark room	no quatinho obscurecido
into his black snuff-box	na caixa de rapé
I walked away slowly along the sunny side of the street	Afastei-me vivamente ao longo do passeio inundado de sol

A opção por traduzir “night after night” por “todos os dias” deve-se certamente à preocupação de não repetir duas vezes na mesma frase a expressão “night after night”. Este tipo de preocupação tem cabimento noutros tipos de texto, mais referenciais. Num texto literário não é apenas a mensagem que importa transferir, mas todas as manifestações estilísticas. Sendo a repetição um artifício literário, neste caso, claramente destinado a reforçar o campo semântico de “noite”, a solução proposta perde em expressividade. Além do mais, a língua portuguesa oferece muitas possibilidades equivalentes para a expressão em apreço, pelo que poder-se-ia manter o sentido sem repetir exactamente a mesma expressão.

A expressão “heavy grey face” assume em Português uma conotação bem mais ligeira – “rosto melancólico e cor de cinza”; o mesmo acontecendo com “the little black room” que se torna em “quartinho obscurecido”. A caixa de rapé perde a cor preta em Português.

Quanto ao último exemplo acima referido, “I walked away slowly along the sunny side of the street” exprime a opção do rapaz por ir (“devagar mas deliberadamente”) pelo lado soalheiro da rua, o que até está de acordo com o seu estado de alma, com a sensação de liberdade provocada pela morte do velho padre. Tal não é o caso em Português, onde para além de um erro claro (“vivamente” é o contrário de “slowly”) e outro menos evidente (“sunny” não é necessariamente “inundado de sol”), a opção tomada (“Afastei-me vivamente ao longo do passeio inundado de sol”) faz recair a atenção do leitor no “passeio inundado de sol”, sendo que no texto original parece mais importante o acto deliberado de “sair dali”. Mas “sair dali” devagar (“slowly”) e não “vivamente”, porque o rapaz estava incomodado e em conflito consigo próprio pela sensação de liberdade que a morte do padre lhe estava a causar.

Como foi referido antes, o facto de este conto ser tão importante como abertura da temática central da obra passa pela instauração de um tipo de paralisia em sentido figurado, que atinge quase todas as personagens que povoam estas histórias, e que é a incapacidade linguística. Por um lado, o diálogo entre Mr Cotter e os tios do narrador, conduzido por meias palavras, entrecortadas por silêncios, cheio de vagas alusões e que a tradutora transfere actualizando um grau de equivalência claramente adequado, segundo a terminologia de Toury. O mesmo se passando na veiculação dos silêncios e vagas alusões nos diálogos entre as duas irmãs e a tia do narrador. O que já não aconteceu com o que se designa por registo ou nível de língua formalmente diferenciado, no caso em apreço, o utilizado pelas duas irmãs, e que é indicador de um certo estrato sócio-cultural. Assim, os actos de fala de Nannie e Elisa

correspondem a desvios gramaticais que a tradutora optou por não representar na tradução portuguesa. Alguns exemplos:

God knows we done all we could, as poor as we are...

Deus sabe que, pobres como somos, fizemos quanto nos foi possível...

...she's wore out...

...está absolutamente esgotada!

It was him brought us all them flowers and them two candlesticks out of the chapel...

Foi ele quem nos trouxe as flores e os dois castiçais da capela...

The duties of the priesthood was too much for him.

Tomava os deveres do sacerdócio demasiado a peito.

A opção por corrigir gramaticalmente os enunciados das duas irmãs priva irremediavelmente o leitor deste TT de um elemento fundamental da caracterização sócio-cultural das personagens, uma vez que o mesmo não é referido pelo narrador em lado nenhum da narrativa. As consequências interpretativas para o leitor do TT podem ser mais graves. No texto original, essa falta de literacia é mais um dado caracterizador da simplicidade material e espiritual das duas senhoras. Pelo que, pode-se imaginar que nem passe pelas suas cabeças a verdadeira razão da doença do padre, i. e., o pecado associado à doença causadora da paralisia, de que o rapaz tem uma forte intuição.

Conclusão

Pelo postulado da equivalência proposto por Toury, o que interessa não é indagar, na análise comparativa de TT e TO, se os dois textos são ou não equivalentes, mas sim que tipo e que grau de equivalência eles apresentam, tendo em conta o contexto receptor do TT.

Ora, no caso em apreço, como se viu, há um aspecto – o da transferência do registo de língua – em que a tradutora se situa no pólo da aceitabilidade, i.e., privilegia na tradução as normas e regras que derivam do polissistema meta. A explicação para tal, uma vez que se

trata de um caso isolado, talvez se prenda com o facto de não haver no sistema sociolinguístico português, uma tão flagrante identificação entre estrato social e realização linguística gramaticalmente incorrecta como existe em Inglês.

Apesar de constatadas outras inequivalências, as que foram acima referidas, sobretudo aquelas que dizem respeito ao jogo de luz e sombra, são as que mais interferências geram ao nível da recepção do TT. Quer dizer, o leitor do TT fica de alguma maneira privado da flagrante antinomia entre o passado obscuro do padre e o presente do rapaz narrador que se torna mais luminoso – podíamos dizer, mais iluminado, mais lúcido – com a morte do padre. O acto da narração é a prova disso mesmo.

As metáforas da luz e da sombra têm funções relevantes como recurso de estruturação não só desta narrativa mas de todas as outras que se vão construindo em torno de diversas epifanias. Além disso, funcionam como fio temático ao longo do macrotexto e como elementos importantes de caracterização de diversas personagens e dos seus espaços. Daí que pequenas diferenças na passagem do TO ao TT tenham consequências maiores ao nível do significado global da obra.

Referências bibliográficas

- Álvarez Lugrís. 1998. “Notas para a Definición dunha Estilística Comparada da Traducción”.
Viceversa. Revista Galega de Traducción, nº 4, pp. 25-40.
- Baker, Mona. (ed.) (1998). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, pp.77-80.
- Figueiredo, Vivina de Campos. 2004. “Joyce em Letra Portuguesa. Os Paratextos e as suas Funções”. Comunicação apresentada ao III Congresso Internacional de Tradutores, Fortaleza. Também se encontra publicado na revista virtual *O Língua* ([«http://www.instituto-camoes.pt/cvc/olingua/05/index.html»](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/olingua/05/index.html)).
- Havelson, Sandra. 1997. “The Concept of Equivalence in Translation Studies: Much Ado About Something”, *Target*, nº 9, vol. 2, pp. 207-233.
- Hermans. Theo. 1999. *Translation in Systems, Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome.

Joyce, James. 1976. *Dubliners*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd.

Joyce, James. s/d. *Gente de Dublin*. Trad. de Virgínia Motta. Lisboa: Livros do Brasil.

Kenny, Dorothy. 1998. "Equivalence". In Baker, Mona (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, pp.77-80.

Rabadán, Rosa. 1991. *Equivalência y traducción. Problemática de la equivalencia transléctica inglés-español*. León: Universidad de León.

Schleiermacher, Friedrich. 1813. "On the Different Methods of Translating" Trad. Waltraud Bartscht. In Schulte, Rainer; Biguenet, John, 1992: 42.

Schulte, Rainer; Biguenet, John, (eds).1992. *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago/London: The University of Chicago Press,

Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.